

As contribuições da Comunicação Não-Violenta na construção de um Ambiente Sociomoral

The contributions of Nonviolent Communication for the construction of a Socio-moral Space

Giovana Bisignano Siqueira é psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Pós-graduada em Convivência Ética na Escola pelo Instituto Vera Cruz.

Contato: giovana.bisiqueira@gmail.com

Luciana Aparecida Nogueira da Cruz é professora de Psicologia da Educação do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP.

Contato: luciana.cruz@unesp.br

Resumo

Buscou-se artigos que abordassem o tema da Comunicação Não Violenta (CNV), foram selecionados e descritos oito artigos publicados em revistas científicas que destacam as contribuições da CNV. A seleção foi realizada usando-se os descritores “Comunicação não violenta” e “Educação” nas bases de busca. A partir desta pesquisa, evidenciou-se que mesmo havendo número expressivo de artigos sobre o tema, há escassez de produções que apresentem as contribuições da CNV para o desenvolvimento moral ou como promotora de um ambiente sociomoral. Geralmente são apresentados aspectos e resultados positivos obtidos com o uso da CNV em situações de conflitos, mas não encontramos estudos que articulem o uso da CNV com os estudos sobre desenvolvimento moral de Jean Piaget.

Palavras-chave: Comunicação Não Violenta; ambiente escolar; ambiente sociomoral; moral; Educação.



Abstract

We sought articles that addressed the theme of Nonviolent Communication - NVC. Eight articles published in scientific journals that highlight NVC's contributions were selected and described. The selection was made using the descriptors "Non-violent communication" and "Education" in the search bases.

From this research, it became evident that even with an expressive number of articles on the theme, there is a shortage of productions that present NVC's contributions for the moral development or as a promoter of a socio-moral environment. Generally, positive aspects and results obtained with the use of NVC in conflict situations are presented, but we have not found studies that link the use of NVC with the studies on moral development by Jean Piaget.

Key-words: Nonviolent Communication; school space; socio-moral space; moral; Education.

Introdução

O ambiente escolar tem sido palco de diversos tipos de violências; uma delas é a violência verbal. A forma como as pessoas se comunicam, muitas vezes, por ofensas, xingamentos e humilhações torna-se hábito que naturaliza situações de comunicação violenta. Por exemplo, quando os indivíduos são violentos entre si, humilham e ameaçam. Essa comunicação é uma via de mão dupla: a violência, algumas vezes, parte do aluno com xingamentos e ofensas direcionados ao professor e outras vezes, parte do professor ou de outros adultos que trabalham na escola.

Embasados nos estudos sobre o desenvolvimento moral de Piaget (1932/1977), entendemos que a consciência moral não é pré-formada no ser humano e seu desenvolvimento depende basicamente de duas dimensões: a intelectual e a afetiva. E é na relação com o meio social que se dá o processo de construção contínuo das estruturas cognitivas e da afetividade, ou seja, da consciência moral. Diante disso, vale ressaltar a presença do respeito unilateral e do respeito mútuo nas relações interpessoais que promovem a formação da consciência moral. O respeito é um sentimento de indivíduo para indivíduo, e começa com a mistura de afeição e de medo que a criança experimenta em relação aos pais e em relação aos adultos em geral (VINHA, 2000).



O respeito unilateral é fruto das relações de coação sobre a criança. Já no respeito mútuo, os direitos e deveres passam a ser os mesmos; este tipo de respeito provém das relações de cooperação em que há reciprocidade.

As pesquisas de Piaget no campo da psicologia moral possibilitam-nos compreender que experiências vivenciadas em um ambiente democrático, com princípios de respeito mútuo, cooperação e reciprocidade, favorecem a construção da moralidade autônoma, pois é um processo de desenvolvimento (MENIN, 2007). Contudo, La Taille (2006) afirma que a moral não é ensinada e nem imposta, ela é construída a partir da reflexão e julgamento das ações do cotidiano. Ele entende “por senso moral (ou consciência moral) tanto a capacidade de conceber deveres morais, quanto de experimentar o sentimento de obrigatoriedade a eles referido [...]” (p. 108).

Os estudos sobre o desenvolvimento da moralidade humana nos indicam que para agir moralmente é preciso ter condições cognitivas (pensar hipóteses, colocar-se no lugar do outro, coordenar perspectivas) e afetivas (motivação interna em querer fazer). Considerando essas duas dimensões é que, de fato, se dá a construção da personalidade moral.

Já que as interações interpessoais contribuem para a construção da personalidade moral de cada pessoa e a escola, por ser um local privilegiado de convívio social, especialmente entre pares, ela é um ambiente propício para a ocorrência de diversos conflitos, onde as interações são permeadas e veiculadas pela linguagem. O tipo de relação interpessoal estabelecida – se é mais ou menos conflituosa – é definido pela forma que nos comunicamos uns com os outros (OLIVEIRA, RISSI, CRUZ, 2018).

E uma forma de linguagem que tem sido usada em diferentes contextos para lidar com situações de conflitos é a Comunicação Não-Violenta (CNV). A CNV é um método desenvolvido nos anos 1960 pelo americano Marshall B. Rosenberg, doutor em psicologia clínica, mediador internacional e fundador do Centro Internacional de Comunicação Não-Violenta. Este método possibilita mudanças no modo de encarar e organizar as relações humanas.

O uso da CNV é recente no Brasil, mas vem ganhando espaço nos projetos-piloto de Justiça Restaurativa, do Ministério da Justiça. Estes projetos são aplicados em escolas, Varas de Infância e Fóruns, unidades da Fundação Casa e abrigos (CNVBRASIL, 2006).



A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela não tem nada de novo: tudo que foi integrado à CNV já era conhecido havia séculos. O objetivo é nos lembrar do que já sabemos – de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros – e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente esse conhecimento (ROSENBERG, 2006, p. 21).

A Comunicação Não-Violenta capacita-nos a ouvir sentimentos e necessidades por trás dos julgamentos. É importante traduzir as críticas e apontamentos em necessidades.

Se soubermos utilizar uma linguagem de necessidades e não de julgamentos e ouvir com empatia podemos encontrar soluções pacíficas para as diferenças. Exercer influência para que as relações humanas sejam mais positivas é o objetivo da CNV. “Se mudarmos a nós mesmos, poderemos mudar o mundo, e essa mudança começará por nossa linguagem e nossos métodos de comunicação” (ROSENBERG, 2006, p.16).

Análoga à CNV temos a linguagem descritiva como uma das estratégias para o desenvolvimento da autonomia moral. O uso de uma linguagem descritiva corrobora para melhorar a qualidade das relações sociais.

A linguagem descritiva favorece a autonomia, a tomada de consciência das próprias ações e das consequências destas últimas, o desenvolvimento do autoconhecimento, a melhora da autoestima, a internalização e valores universalmente desejáveis e as relações interpessoais (WREGGE et al, 2014).

Para fazer uso da CNV ou da linguagem descritiva a pessoa precisa de treino; além disso, precisa de reflexão. Por exemplo, estamos habituados a reclamar quando uma criança, ao terminar de brincar, deixa seus brinquedos espalhados pela sala. Na linguagem descritiva, nós descrevemos a situação que vemos e propomos que ela, criança, solucione o problema: “Estou vendo que todos os seus brinquedos estão espalhados pela sala, eles não foram guardados. Como podemos resolver esse problema?” Apropriar-se de uma linguagem descritiva e empática colabora para as relações interpessoais e para o desenvolvimento moral do indivíduo, visto que a moralidade é construída pelo próprio sujeito a partir das interações sociais (VINHA, 2000).

Dentro da linguagem descritiva existem duas técnicas, apresentadas por Gordon (1985 apud VINHA, 2000), que auxiliam na comunicação. São elas: a Escuta Ativa e a Mensagem Eu.



Na escuta ativa, o educador não apenas ouve, mas também comunica a quem fala que ele realmente o escutou e que compreendeu o que foi dito. Para isso o adulto repete a essência do que foi dito pela criança, sempre utilizando a linguagem descritiva, procurando “traduzir” e clarear seus sentimentos, estimulando-a a continuar falando ou a encontrar uma solução. Essa técnica faz com que a criança reconheça seus sentimentos, perceba que eles são considerados, que são importantes (VINHA, 2000, p. 288).

Já a Mensagem Eu é utilizada quando o adulto está com alguma dificuldade ou quando há um conflito entre ele e uma criança. Segundo Ginott (1973 apud WREGGE et al, 2014), não precisamos fingir paciência ou esconder nossos sentimentos de raiva, mas reconhecê-los e saber expressá-los de maneira adequada, sem insultar.

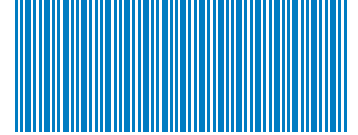
Portanto, fazer uso de uma Escuta Ativa auxilia a criança a reconhecer seus próprios sentimentos e opiniões, enquanto apropriar-se da Mensagem Eu faz com que a criança perceba os sentimentos do outro.

Notamos que há semelhanças entre a CNV e a linguagem descritiva, pois ambas são formas de comunicação pautadas na empatia, na escuta, no diálogo e, principalmente, no respeito mútuo.

Diante da preocupação com as formas de comunicação que prevalecem no ambiente escolar, temos como questão de pesquisa: a Comunicação Não Violenta poderia ser promotora de um ambiente sociomoral? Para responder a tal questão elencamos artigos de pesquisadores que trazem em seus estudos contribuições acerca da CNV para o contexto escolar. Os artigos foram publicados em revistas indexadas nos últimos cinco anos e trazem em seus assuntos os descritores Comunicação Não-Violenta e Educação. A partir da leitura de oito artigos selecionados para este estudo, apresentamos algumas ideias que articulem a CNV como uma estratégia promotora do desenvolvimento moral no ambiente escolar, tema de estudos de Jean Piaget (1896-1980), autor que nos serviu de aporte teórico para este estudo.

Metodologia

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica, cuja busca de artigos se deu com os descritores “Comunicação Não-Violenta” e “Educação”. A partir da leitura dos títulos, foram selecionados oito



artigos publicados entre 2015 e 2019 nas bases de dados Google Acadêmico e Periódicos CAPES. Os artigos foram selecionados por conveniência, ou seja, não foi feito levantamento bibliográfico de forma sistemática, isso significa que há outros artigos que tratam do tema da CNV no contexto escolar que não foram elencados neste estudo. A partir da leitura e descrição dos artigos selecionados procuramos identificar aspectos relacionados ao uso da CNV na promoção de um ambiente sociomoral. Os títulos, objetivos, método e principais resultados de cada artigo, são apresentados no item a seguir.

A Comunicação Não Violenta como promotora de um ambiente sociomoral

Procurou-se identificar nos artigos que abordam o tema da CNV as contribuições do uso desse método de comunicação para o desenvolvimento moral, pois é através da comunicação ou formas de comunicação que constituímos nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo e de existirmos nele.

Depende do modo que é estabelecida a comunicação ou a linguagem para que se lide com os conflitos de maneira mais ou menos assertiva. Os oito artigos selecionados e descritos a seguir trazem o tema da CNV como método de comunicação positivo para lidar com situações de conflitos e/ou para promoção de uma cultura de paz.

Apresentamos o título, os autores e ano de publicação, tecendo breves resumos com objetivos e principais resultados ou conclusões de cada artigo.

O primeiro artigo que destacamos tem como título *Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições*. As autoras Almeida, Oliveira e Brum (2019) discutem a possibilidade de uma prática não ideológica que se aproxima da Cultura de Paz em uma pesquisa teórica que investigou como a Comunicação Não Violenta pode impactar e transformar as culturas. Observou-se que a CNV é a forma concreta de materializar a cultura de Paz nos círculos de construção de Paz, pois apresenta-se como alternativa de linguagem, além de ser um processo que inspira conexões e ações compassivas, já que disponibiliza uma estrutura básica para abordar problemas humanos, desde os relacionamentos pessoais, internos e externos, evitando-os e apresentando soluções pacíficas e de cooperação.



Cabe referenciar Piaget quando afirma que “só a cooperação leva à autonomia” (1932/1977, p. 349), pois será diante das oportunidades de cooperar que a criança começará a transformar o sentimento de respeito unilateral em respeito mútuo, já que o respeito mútuo é a superação do respeito unilateral.

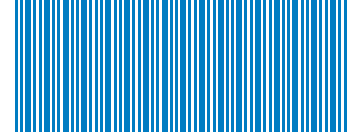
Se a criança conviver num “ambiente cooperativo” e democrático, que solicite trocas sociais por reciprocidade, no qual seja respeitada pelo adulto e participe ativamente dos processos de tomada de decisões, por hipótese, ela tenderá a desenvolver a autonomia moral e intelectual e poderá atingir níveis de moralidade mais autônomos. (ARAUJO, 2001, p. 3)

Castro e Martins (2015) no artigo *Correlações entre a Justiça Restaurativa e a Comunicação Não Violenta com a Educação* realizaram um estudo teórico, em que analisaram a relação entre a Justiça Restaurativa e a Justiça Retributiva sob o olhar da CNV. Defendem que a CNV pode ser empregada em qualquer ambiente no qual ocorra relações sociais (família, escola, trabalho, justiça) e que, juntamente com a Mediação de Conflitos e a Justiça Restaurativa, corroboram para a melhoria da qualidade de vida relacional das pessoas e da democracia.

O artigo *Comunicação Não-Violenta como perspectiva para a paz*, de Barros e Jalali (2015), aborda como as diferenças sociais, culturais e econômicas têm causado conflitos violentos que vêm destruindo o bem-estar social em uma população mundial que clama pela paz. As autoras fazem uma reflexão teórica apresentando autores que defendem uma possível cultura de paz através de mudanças na área educacional no sentido de modificar as reações comportamentais causadas pelas diversidades em geral. E para isso abordam a Comunicação Não-Violenta como instrumento de promoção da paz no contexto escolar.

Estes dois artigos de Castro e Martins (2015) e de Barros e Jalali (2015) trazem a CNV como um método possível de ser implementado e defendem que tem significativa contribuição na promoção da cultura de paz. Os artigos são teóricos, ou seja, não apresentam uma pesquisa empírica para avaliar a eficácia de tal método, apenas apresentam reflexões acerca da importância de empregá-lo.

Devido aos objetivos que originaram a criação do método de CNV e pelas suas características, é muito comum que estudiosos associem a prática da CNV ao desenvolvimento de habilidades voltadas para a resolução de conflitos e para a promoção de uma cultura de paz. E



por isso, geralmente a CNV está presente nos cursos voltados para o combate ou prevenção de violências, como apontam Assis e Ribeiro (2017) no artigo *Professores e práticas pedagógicas para combater a violência e construir a cultura de paz*. As autoras investigaram a percepção de professoras a respeito da eficácia de um projeto de formação que visava reduzir e prevenir ações violentas no contexto escolar. O projeto intitulado “Restaurando as relações de convivência por meio da cultura de paz” consistiu em encontros de formação de três horas, que aconteceram quinzenalmente durante um ano. Nestes encontros dentre os temas abordados, a Comunicação Não-Violenta foi um deles. Os públicos-alvo foram professores, alunos, pais, gestores e funcionários das 44 Unidades Escolares (UE) de Ensino Fundamental de São José dos Campos (SP). A pesquisa contou com relatos das professoras entrevistadas que elencaram os encontros formativos como relevantes e que contribuíram para melhorar o convívio entre elas e seus alunos, bem como entre os próprios alunos. Para as autoras ficou evidente que o projeto de formação causou impacto positivo para a prática pedagógica das participantes.

Considera-se importante que os cursos de formação tanto inicial quanto continuada discutam sobre as relações estabelecidas entre professores e alunos. Nas relações em que os professores utilizam os gritos e as ameaças para conter os conflitos que ocorrem dentro da sala de aula, as atitudes e formas transversais da linguagem vão influenciar positiva ou negativamente no desenvolvimento moral do aluno. Segundo Vinha (1999), a moralidade é um tema transversal porque, quer o professor queira, quer não queira, ele está trabalhando a moral. Por isso o cuidado com a linguagem que o educador deverá utilizar nas relações com seus alunos. O artigo de Santos (2018), *A Comunicação Não Violenta como instrumento para uma cultura de paz: uma proposta para as escolas da rede estadual de Sergipe*, também apresenta pesquisa realizada com os sujeitos do ambiente escolar (pais, alunos, professores, gestores e funcionários da escola). Porém, diferente da pesquisa de Assis e Ribeiro (2017), já que Santos (2018) objetivou evidenciar o problema, ou seja, pesquisou sobre os tipos de violência que acontecem na escola. A autora realizou uma pesquisa quantitativa e exploratória sobre os diversos tipos de violência encontradas nas 358 escolas da rede estadual de ensino de Sergipe, por meio de um questionário aplicado aos representantes da comunidade escolar (professores, alunos, pais, funcionários e direção). Diante dos dados encontrados, constatou-se que a violência, especialmente a verbal, ainda é latente no ambiente escolar, e ela naturaliza os demais tipos de violência. Por este motivo a autora defende a



importância de buscar projetos que transformem essa realidade e que associem a CNV no contexto da Educação para a paz.

Ambos os artigos, trazem como estratégia a prática da comunicação não-violenta no ambiente escolar com o objetivo de reduzir os casos de violência nesse ambiente e promover uma melhor convivência entre seus sujeitos. Podemos dizer que houve uma tentativa em promover um ambiente sociomoral nestas duas experiências.

Ambiente sociomoral é entendido como a rede de relações interpessoais que compõe a experiência escolar da criança. Essas experiências incluem a interação dos alunos com o professor, com os pares, com o conhecimento, com os conflitos, com as formas de participação e com as regras (VINHA, et al., 2017).

O educador deve desenvolver nos alunos sua visão crítica de como agir perante os outros, pois esta é a questão central da Moral e da Ética. Ambas consideradas como o conjunto de princípios ou padrões de conduta dos indivíduos em uma sociedade. Em outras palavras, cabe ao professor propor atividades que levem o aluno a pensar sobre sua conduta e a dos outros a partir de princípios, e não de receitas prontas (BRASIL, 1998).

Nesta mesma vertente o artigo *Um olhar pela teoria dos sistemas de Luhmann para as soluções de conflitos escolares*, de Candido (2018), por meio de uma análise da teoria dos sistemas de Luhmann, defende a interação positiva e de desenvolvimento do diálogo inclusivo e respeitoso no ambiente escolar. A autora também aponta como uma das técnicas pedagógicas a CNV para contribuir na prevenção de situações de violência na escola. É um artigo teórico em que a autora objetivou integrar a proposta do sociólogo alemão Niklas Luhmann às práticas de mediação de conflitos no ambiente escolar. De acordo com o texto, para Luhman os seres vivos não são apenas um conjunto de moléculas, mas sim, uma dinâmica molecular, ou seja, uma interação entre as distintas classes de moléculas que interagem em uma relação de vizinhança criando uma rede fechada de trocas e sínteses, possibilitando uma capacidade de se autorrepararem, se auto reestruturarem e autotransformarem, sem perderem a sua identidade. A proposta de Luhmann é olhar para o indivíduo como um sistema complexo em si mesmo e que interage com um sistema maior e complexo que é a sociedade em que vive. Para que essa interação seja positiva a cultura de paz aponta para uma promoção e desenvolvimento do diálogo inclusivo e respeitoso no ambiente escolar por meio de técnicas pedagógicas, como



a comunicação não-violenta, que contribuem na prevenção de situações de violência neste ambiente.

Apesar de não tratarem especificamente do ambiente escolar, os artigos de Parzianello (2019) e de Almeida et al (2019) defendem a Comunicação Não-Violenta como uma estratégia, até mesmo uma “salvação”, à cultura de paz e ao respeito pela diversidade. Por trazerem o tema da CNV como estratégia promotora da cultura de paz de forma tão enfática e por serem artigos de discussão publicados recentemente, optamos por selecioná-los, pois acreditamos que respaldam a importância em adotar esta forma de linguagem no contexto escolar, importante ambiente socializador da criança. Em *Formações Discursivas na Comunicação Não Violenta*, Parzianello (2019) faz uma discussão teórica sobre as práticas da Comunicação Não-Violenta e da Cultura de Paz em torno dos saberes filosóficos e das ciências sociais. Coloca que a CNV e a Cultura de Paz são estratégias democráticas para a construção de algo que já é legítimo, a difusão pela evolução de paradigmas e a promoção de novos sentidos para a sociedade, num processo que a autora chamou de (re)politização.

E o artigo *A Importância do Estudo das Linguagens para a Comunicação Não Violenta*, de Almeida (2019), buscou relacionar, através de um estudo teórico, a CNV não só com a linguagem verbal, mas também com outras formas linguísticas, como a linguagem corporal. Ele inclusive faz uma crítica a Marshall Rosenberg, dizendo que em seus estudos ignorou esta forma de linguagem. O autor ainda concluiu que para se comunicar de modo não violento, não basta apenas a intenção ou o sentido, mas também saber transmitir essa expressão de modo corporal. Este último artigo, apesar de não citar o ambiente escolar, consideramos importante pois a linguagem corporal é de certo modo onipresente em qualquer situação de socialização, e relacioná-la com a CNV é bastante coerente.

Vinha (2000) e La Taille (2002) afirmam que o desenvolvimento moral é influenciado pelas emoções, pelos juízos morais, pela capacidade de inibir condutas antissociais e pela capacidade de iniciar condutas valorizadas como morais. Todo esse processo está relacionado a uma cultura e a um processo de socialização. Assim, a moralidade está inserida no aspecto social, pois refere-se sempre a uma situação interativa, isto é, o sujeito com relação ao outro, e, em qualquer relação social é fundamental que a maneira de comunicação seja respeitosa e voltada para relações democráticas.



Considerações finais

Lendo e refletindo sobre os artigos selecionados para este estudo, notamos a importância em adotar-se novas estratégias de linguagem para a promoção de um ambiente sociomoral no contexto escolar, uma vez que na escola as relações sociais estabelecidas com a criança contribuem para o desenvolvimento da personalidade moral. É ali que ela aprende a se relacionar, conhecer o outro e conhecer a si mesma.

O papel da escola é o de uma instituição socialmente responsável não só pela democratização do acesso aos conteúdos culturais historicamente construídos, mas também o de co-responsável pelo desenvolvimento individual de seus membros (em todos os seus aspectos), objetivando sua inserção como cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática. (ARAUJO, 2001, p.10).

Esta pesquisa, evidenciou a escassez de produções que articulem as contribuições da CNV para o desenvolvimento moral ou como promotora de um ambiente sociomoral. Contudo, por mais que os artigos estudados não tragam explicitamente a CNV como uma contribuição direta para a construção de um ambiente sociomoral, ela tem aspectos que são pertinentes em uma estratégia para tal intuito. Como salientamos na introdução deste estudo, de acordo com autores da psicologia moral (ARAÚJO, 2001; LA, TAILLE, 2006; MENIN, 2007) a construção da personalidade moral é um processo que começa desde o nascimento e vai se constituindo a partir das vivências, e grande parte dessas vivências são no ambiente escolar. Diante disso, a CNV apresentada nos artigos elencados, como uma estratégia de promoção à convivência respeitosa no ambiente escolar, e não só nele, pode ser uma importante ferramenta na promoção de um ambiente mais justo e democrático. E, associada à outras estratégias de convivência ética, promover um ambiente sociomoral.

As pesquisas analisadas demonstram a importância de uma comunicação não violenta, descritiva e empática que compreenda os princípios e valores que regem as condutas sociais. Segundo Marshall Rosenberg (2006), a CNV é um método de resolução pacífica de conflitos, mas sua grande contribuição é ensinar a se colocar no lugar do outro por meio da empatia. Diante disso, o uso desta comunicação no ambiente escolar permite que o aluno se familiarize e se aproprie desta estratégia desenvolvendo sua moralidade e, quem sabe, disseminando essa forma pacífica e promissora de se relacionar com o outro.



Diante disso, se o objetivo da escola é contribuir para o desenvolvimento moral e ético de seus alunos, é importante refletir como nos comunicamos com eles, pois a linguagem utilizada pode interferir no processo de desenvolvimento. Dessa forma, nas interações sociais dentro do ambiente escolar uma linguagem descritiva, empática, que percebe as necessidades, que não julga, que favorece a autonomia, que favorece à tomada de consciência, o autoconhecimento, a autoestima, a internalização de valores desejáveis e as relações interpessoais, contribui para o desenvolvimento moral dos alunos.

Este estudo pode ser entendido como ponto de partida para outros estudos, na medida em que oferece contribuições para repensar essa interação, bem como traz alguns subsídios para a prática educativa. Espera-se, portanto, que este artigo possa ser um instrumento de reflexão para os agentes educacionais sobre a importância de concentrar esforços na formação do caráter e da preparação dos indivíduos para viver em sociedade.

Podemos, então, concluir neste estudo, que para agir moralmente é preciso vivenciar situações de respeito, empatia, ter condições cognitivas e afetivas. E se o objetivo da escola é contribuir para o desenvolvimento moral e ético de seus alunos, é importante refletir como nos comunicamos com eles, pois a linguagem utilizada é um importante instrumento no processo de desenvolvimento moral dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. D; OLIVEIRA, S. B; BRUM, L. S. Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições. In: *Revista Observatório*. Palmas. v. 5, n. 4, p. 463-480, jul/set. 2019.

ALMEIDA, R. B. A Importância do Estudo das Linguagens para a Comunicação Não Violenta. In: *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. v. 8, n. 1304, abr. 2019.

ARAÚJO, U. F. O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal.



Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas – SP, v. 2, n.2, p. 1-12, 2001.

ASSIS, V. M. S; RIBEIRO, S. L. S. Professores e práticas pedagógicas para combater a violência e construir a cultura de paz. In: *Atos de Pesquisa em Educação*. Blumenau. v. 12, n. 3, p. 166-188, jan/abr. 2017.

BARROS, I. L; JALALI, V. R. R. Comunicação Não-Violenta como perspectiva para a paz. In: *Ideias & Inovação*. Aracaju. v. 2, n. 3, p. 67-76, set. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, V. B. Um olhar pela teoria dos sistemas de Luhmann para as soluções de conflitos escolares. In: *Revista Diálogos Interdisciplinares*. Edição Especial- Políticas Públicas. v. 7, n. 2. 2018.

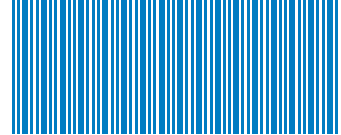
CASTRO, D. B; MARTINS, P. F. M. Correlações entre a Justiça Restaurativa e a Comunicação Não Violenta com a Educação. In: *Revista ESMAT*. Ano 7, n. 9, p. 107-142, jun/ago. 2015.

CNVBRASIL. Dr. Marshall Rosenberg: Sobre a Comunicação Não-Violenta. In: *CNVBrasil Rede de Convivência Não-Violenta*. 2006.

LA TAILLE, Y. *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis: Vozes, p. 73-112, 2002.

_____. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MENIN, M. S. S. Escola e Educação Moral. In: Montoya, A. O. D. (org) *Psicologia da Educação: Desafios e Avanços*. Campinas: Mercado de Letras, p. 45-62. 2007.



OLIVEIRA, G.G.; RISSI, J.S.; CRUZ, L.A.N. *Os conflitos na percepção de alunos e professores do ensino fundamental II e a linguagem do educador*. Anais da XV Semana da Pedagogia

PARZIANELLO, S. B. Formação Discursiva na Comunicação Não Violenta. In: *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. v. 5, abr. 2019.

PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo, Mestre Jou (ed. Orig. 1932), 1977.

ROSENBERG, M. B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ed. Ágora, 2006.

SANTOS, M. A. S. C. A Comunicação Não-Violenta como instrumento para uma cultura de paz: uma proposta para as escolas da rede estadual de Sergipe. In: *Ideias & Inovação*. Aracaju. v. 4, n. 2, p. 89-102, maio. 2018.

VINHA, T. P. *O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista*. Revista do Cogeime, p. 15-38, 1999.

_____. et al. *Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática*. 1ª ed. – Americana, SP: Adonis, 2017.

_____. *O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

WREGGE, M. G et al. Linguagem do Educador e a Autonomia Moral. In: *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*. v. 6, n. 2, 9, p. 115-132, ago/dez. 2014.

Recebido em: 09/11/2020.

Aceito em: 14/01/2021.

